

Uma pequena comédia do teatro popular medieval – os estudantes e o camponês (anônimo séc. XI/XII)

Resumo: Um divertido tema que já aparece na *Disciplina Clericalis* de Petrus Alphonsus (1062-1140) é recorrente na cultura popular medieval: o caipira que engana os eruditos espertalhões.

Palavras-Chave: Petrus Alphonsus. mediaeval popular theater. mediaeval comedy.

Abstract: A joke in *Disciplina Clericalis* of Petrus Alphonsus (1062-1140) has become one of the funniest comedy sketches in middle ages: the ingenious “simpleton” peasant fools scholars..

Key-words: Petrus Alphonsus. Mediaeval popular theater. mediaeval comedy.

Os Estudantes e o Camponês

Anônimo medieval
(trad. e notas Jean Lauand)

Nota Introdutória

*Os Estudantes e o Camponês*¹ é uma pequena peça de autor anônimo do século XI. É por vezes atribuída a um desconhecido Ugo Racellario ou a Geoffroy de Vinsauf (séc. XII), autor de *Poetria Nova*. O enredo gira em torno de uma peregrinação bufa de estudantes à qual se junta um camponês. O tema do camponês "simplório", que acaba enganando os "espertalhões estudados" é - com variações de detalhes - muito freqüente na literatura medieval e ainda hoje é tema de muitas anedotas populares. O tema já aparece, em versão literária, na *Disciplina Clericalis* de Petrus Alphonsus (nascido em 1062): "*Exemplum de Duobus Burgensibus et Rustico*", "Os dois homens da cidade e o camponês".

¹. Traduzimos, livremente, a partir de GUGLIELMI, Nilda *El teatro medieval*, Edit. Universitaria de Buenos Aires, 1980, pp. 51 e ss.

Texto

Estudante I - Companheiro!

Estudante II - Que é?

Estudante I - A caminho!

Estudante II - O que você quer fazer?

Estudante I - Uma peregrinação!

Estudante II - Quando?

Estudante I - Já!

Estudante II - Aonde?

Estudante I - A um lugar perto daqui.

Estudante II - Tudo bem!

Estudante I - Preparar alforges!

Estudante II - Pronto!

Estudante I - Cruz ao ombro!

Estudante II - Pronto!

Estudante I - Bastão na mão!

Estudante II - Pronto!

Estudante I - Então, vamos. Tudo certo!

Estudante II - Tudo certo, uma ova!

Estudante I - Qual é o problema?

Estudante II - Falta o dinheiro.

Estudante I - Quanto você tem na bolsa?

Estudante II - Tá tudo aqui, ó?

Estudante I - Mas, não há nada!

(Os estudantes se põem a caminho e um camponês se junta à peregrinação)

[Os estudantes, arditosamente, começam a afetar um linguajar erudito]

Estudante I - É inadmissível! Estamos indo com muita morosidade. Já o crepúsculo se prefigura e é mister que nos aproximemos da cidade. Vamos! Mais celeridade!

Estudante II - Mas, quem adiantar-se-á para inquirir de alojação? Urge que algum de nós... (*olha para o camponês*) ...se disponha a ir na frente.

O Camponês - Se oceis quisé, eu posso i.

Estudante I - Assentimos! Sim, precede-nos, vai na frente você, que se locomove mais rápido.

O Camponês - Tá bão...

(*O camponês vai um pouco à frente*)

Estudante I - Ele vai lá adiante e estamos aqui só nós. Vamos garantir a nossa! Tudo o que temos em comum é uma torta²: dá para dois, mas não para três. Esse caipira comilão vai acabar comendo-a de um só bocado e não sobrá nada para nós. Mas ele é tolo e simplório, podemos enganá-lo facilmente. Ele pode ser bom de apetite para comer, mas, na esperteza, os bons somos nós.

Estudante II - Boa ideia! Vamos aproximar-nos dele e enganá-lo.

Estudante I - Camponês! Ó, camponês!

O Camponês - O sior chamô?

Estudante I - É para saber se se ensejam condições propícias, se está tudo bem.

O Camponês - Tá tudo bão...

Estudante I - Avaliemos nossas provisões, o que temos para ingerir?

Estudante II - Só essa torta aqui!

Estudante I - Mas ela não é grande. Não bastará para nós três.

Estudante II - É deveras insuficiente.

Estudante I - Proponho que façamos um trato entre nós.

O Camponês - Quar?

². Não fica claro no texto a quem pertence a torta. Porém, numa peregrinação, é usual que – independentemente de quem trouxe o quê - os mantimentos sejam fraternalmente tomados em comum pelos romeiros. Evidentemente, o efeito teatral se intensifica se a torta tiver sido trazida pelos estudantes.

Estudante I - O trato é o seguinte: quem tiver o sonho mais bonito, fica com a torta. Vocês concordam?

Estudante II - Sim!

Camponês - Sim...

Estudante I - Bom, então vamos dormir.

(Os estudantes adiantam-se um pouco e se põem a dormir)

O Camponês (pensando em voz alta) - Sei não, esses estudante da cidade vive aprontando. Acho que eles tão querendo é me inganá. Primero é pr'eu i na frente, depois eles é que passa na frente e, agora, vem com essa história de trato. Acho que eles tão quereno é me inganá. Mais mió é eu cumê iscundido a torta, porque eu acho que eles tão quereno é me inganá... [O camponês come a torta]

Estudante I (*acordando*) - Ah!, quem me despertou, subtraindo-me a visões edênicas. Perambulava eu por epiciclos e excêntricos, zodíacos e constelações, asteróides e potestades, pela pulcritude dos céus empíreos e sidéreos. Que beleza insuperável: nada mais magnífico! Quem poderia descrever tais maravilhas? Para encurtar a história: eu nem queria mais voltar para a Terra!

Estudante II - Também a mim arrebatarm-me oníricos espetáculos. Nos braços de Morfeu, percorria múseas mitológicas. Contemplava eu as quatro fúrias: Alecto, Megera, Tisífone e... - como é que é o nome da outra? - Ah!, claro, a quarta era Erínia. E vi Prometeu, torturado pelo abutre; Tântalo no Estige; Íxion, pela roda arrastado; Sísifo e sua pedra. Desfilavam ante mim todas as versões e inversões da Hélade... Ah! Mas por que tentar narrar o inefável? Basta dizer que eu nem queria mais voltar para a Terra!

O Camponês - Uai! Eu também vi toda essas coisa aí qui ceis tão falano e, como oceis num queria vortá, eu peguei a torta e apropriei pra substância de natureza individualuar aqui o gênero universar³: comi tudinho!

Recebido para publicação em 08-05-18; aceito em 10-06-18

³. *Feci individuum quod fuit ante genus*. Ironiza as abstratas discussões acadêmicas sobre a "questão dos universais".